

Leslie Allen, Lamentações, Sessão 14, Lamentações 5: 17-22

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 14, Lamentações 5:17-22.

Chegamos agora à seção final do capítulo 5 de Lamentações, a saber, os versículos 17 a 22.

E agora chegamos a um território desconhecido em comparação com o resto do livro. E poderíamos dizer, ah, não, podemos nos sentir em casa aqui. Temos um lamento de oração. Reconhecemos a petição, as petições no versículo 21, Restaura-nos a ti mesmo, renova os nossos dias como antigamente, de acordo com o versículo 1, Lembra-te, ó Senhor, do que nos aconteceu.

Podemos reconhecer o versículo 19, a afirmação da fé, a afirmação da confiança: Tu, Senhor, reina para sempre; o teu trono permanece por todas as gerações. Poderíamos até incluir 17 a 18 como uma breve descrição de uma crise, tal como se encontra num lamento de oração. Aqui, dissemos que 17 a 18 acompanhavam toda a seção anterior, uma longa seção começando no versículo 2, e que era a descrição de um lamento fúnebre agora referente à ocupação.

Mas há uma grande mudança aqui no final do versículo 16, e parece que estamos começando novamente com o versículo 17. E temos esse acúmulo, esse novo acúmulo, por causa disso, por causa dessas coisas, porque do Monte Sião, que está desolado no versículo 18. E passamos para um novo tópico, e voltamos agora.

Esquecemos a ocupação, no que diz respeito ao texto. E a congregação está olhando ao redor e lembrando que eles estão naquela cidade em ruínas, naquele pátio em ruínas do templo de Jerusalém, eu acho, e aí está. Eles voltaram a falar sobre esse desastre geral que se abateu sobre eles, que culminou na ruína de Jerusalém e na destruição do templo.

E então, há um novo começo. E assim, penso que em 17 e 18, podemos alinhar-nos mais com um lamento de salmo e com a descrição comparativamente breve da crise que ali encontramos. E é esta demarcação com esta nova introdução em 17 por causa da sugestão de que estamos começando novamente com uma situação de lamento de salmo.

Mas há algo que deixamos de fora. Não explicamos adequadamente o texto em termos de um lamento de salmo porque este é um jogo diferente agora da maioria

dos lamentos de oração nos salmos, de muitos dos lamentos de oração nos salmos. E é a negatividade dos versículos 20 e 22.

Por que você nos esqueceu completamente? Por que você nos abandonou por tantos dias? E então o versículo 22, a menos que você nos tenha rejeitado totalmente e esteja irado conosco além da medida. Existem dois tipos de lamento de salmo. E quando falamos anteriormente dos lamentos dos salmos em relação ao texto, foi o lamento geral dos salmos, que é rejeitar uma crise e pedir a ajuda de Deus.

Mas isso não nos levará até o fim no que diz respeito ao final do livro de Lamentações. Agora, temos que olhar mais longe e reconhecer que aqui temos um subtipo dos Salmos de lamento. Apresentamos isso brevemente quando falávamos sobre a relação dos salmos com as lamentações no início e logo no início do nosso curso em vídeo.

Mas agora temos que analisar isso com mais exatidão. E há um grande livro que foi escrito por um homem chamado Craig Broyles. E é chamado O Conflito de Fé e Experiência nos Salmos.

O que esse livro faz é olhar para os salmos que correspondem ao final de Lamentações 5. E ele nos disse que há 65 lamentos de salmos. E 44 deles são lamentos gerais de salmos. Mas 21 pertencem a um subtipo que podemos chamar de salmos de reclamação.

E aqui não se trata de uma reclamação sobre uma situação humana, apenas uma reclamação contra inimigos humanos e sobre como alguém está sofrendo de maneira humana. Mas é uma queixa contra Deus, salmos de queixa contra Deus. E há 21 exemplos no livro dos Salmos.

Este recurso é agora reivindicado nesta oração congregacional. Um terço dos lamentos nos Salmos pertencem a este tipo, reclamando a Deus sobre Deus, tanto lamentos comunitários como lamentos individuais. E, na verdade, são marcados por duas questões.

E às vezes é apenas uma pergunta, e às vezes são as duas perguntas. E podemos olhar para o Salmo 74, por exemplo. E o que encontramos lá? Bem, encontramos esta pergunta: por quê? No versículo 1 do Salmo 74, Ó Deus, por que nos rejeitas para sempre? Por que a sua raiva fumeja contra as ovelhas do seu pasto? É o dobro do porquê.

E, claro, temos um duplo porquê no versículo 20. Por que você se esqueceu de nós completamente? Por que você nos abandonou por tantos dias? Então esse é o Salmo 74 no versículo 1. E então, no versículo 11 do Salmo 74, Por que você retém a sua

mão? Por que você mantém a mão no peito? E acho que tive a oportunidade de mencionar esse versículo quando estávamos introduzindo esses salmos de reclamação. Mas agora podemos ver o paralelismo.

Há um duplo porquê que tivemos em 74: e 74:11. Mas ao lado disso, no versículo 10, até quando, ó Deus, o inimigo zombará? O inimigo irá insultar o seu nome para sempre? Quanto tempo? Quanto tempo? E quando introduzimos esses salmos de reclamação muito antes em nosso curso em vídeo, dissemos que é por isso que não estamos buscando informações. Que é uma forma de protesto e uma forma de perplexidade. E é por tanto tempo que está dizendo, é demais.

Já basta. Não podemos mais lidar com isso. Bem, temos o duplo porquê .

Na verdade, não sabemos quanto tempo, mas está lá em espírito na segunda metade da linha do versículo 20. Por que você nos abandonou por tantos dias? Já faz muito tempo, Deus. Nós simplesmente não aguentamos mais.

E podemos fazer uma pergunta geral. Por que deveria haver uma queixa contra Deus nesta situação específica? E é bastante claro, e é bastante óbvio pelo conteúdo de Lamentações, que grande parte dele se preocupa em olhar para trás e na dor psicológica que resultou daquela situação passada do cerco de Jerusalém. Dezoito longos meses e o sofrimento que isso significou para as pessoas que estavam confinadas naquela capital.

Mas tendo dito isto, há este movimento no capítulo 3 de uma forma mínima e no capítulo 5 de uma forma máxima de falar sobre uma situação pós-guerra. E então o que estava atraindo a atenção dos mentores e também os corações da congregação anteriormente, não é tudo. Isso não é tudo.

Mas há mais, há mais, há mais. E tudo continua de uma maneira terrível, esse sofrimento objetivo, essa base objetiva para o sofrimento deles. Ainda está acontecendo esse assédio que eles estão encontrando, e eles simplesmente não aguentam mais.

E então, já podemos entender isso o suficiente, você sabe, isso já foi ruim o suficiente, mas parece continuar indefinidamente, esse nosso sofrimento objetivo, e não aguentamos mais. E então parece muito, muito razoável que isso esteja acontecendo de fato. Tudo bem.

Há mais alguma coisa que deveríamos dizer sobre esses Salmos de Queixa? Sim. Quais foram as queixas específicas que você encontrou nos Salmos? Bem, darei apenas algumas respostas gerais sem referências específicas. Deus falhou em responder orações longas e fervorosas.

Deus está ausente quando ele é mais necessário. Deus está presente, mas apenas como uma força negativa. O crente provavelmente morrerá e terá seu relacionamento com Deus encerrado.

O sofrimento envolve humilhação, e isso o torna excessivo ou excessivo. E assim, estas são várias razões que vêm à tona e podemos imaginar que algumas delas ecoam em espírito por trás deste elemento de reclamação, queixando-se contra Deus. E assim encontramos os versículos 17 a 22, esses versículos finais, eles continuam pistas importantes sobre o gênero, e podemos ver que não é apenas um Salmo de Lamento como pensamos que poderia ser no versículo 1 com essas petições a Deus, mas conforme analisamos como isso acontece, quando se trata de oração, quando se trata de uma forma mais óbvia de oração e lamento, vemos que está seguindo um modelo particular, esse subtipo de reclamação contra Deus.

Isso nos ajuda a fazer justiça à exegese que temos diante de nós, porque podemos encontrar paralelos com o que é dito nos Salmos. E deixe-me dizer, como estava dizendo no início do nosso curso, que existem essas tradições que a congregação e o mentor podem adotar e utilizar para ajudá-los em seus sofrimentos. E temos de perguntar se existem tradições suficientes na nossa história e irmandade cristã que nos permitam avançar, e penso que muitas vezes a resposta é não.

Bem, voltaremos à noção geral de protesto e reclamação a Deus. E o que gosto de chamar de desafio. Deus está sendo desafiado aqui.

Voltaremos a isso quando tivermos feito nossa exegese geral. Os versículos 17 e 18 andam juntos. Os comentaristas não têm certeza.

Parece-me bastante claro, e há comentadores que dizem o mesmo, que 17 e 18 andam juntos. E é esse estilo repetido dessa preposição. Por causa disso, nossos corações estão doentes, e por causa dessas coisas, nossos olhos ficaram turvos, depois dois pontos. O que é? Por causa do Monte Sião, que está desolado. E então há uma transição entre 17 e 18 com a repetição daquela preposição ali.

E assim, está claro, mas temos esta introdução cuidadosa a este novo tema, a este novo elemento, que em Lamentações é um elemento antigo, a desolação do Monte Sião. E então, isso e essas coisas, eles parecem estar ansiosos pelo versículo 18, obviamente. E a NVI segue a mesma linha.

Por causa disso os nossos corações estão fracos, por causa destas coisas os nossos olhos escurecem, por causa do Monte Sião que está desolado. Mas nos decepciona porque deveria ter repetido aquela preposição em hebraico, que é a mesma coisa, mas a NRSV é melhor neste ponto. Por causa de, por causa de, por causa do Monte Sião.

E chegamos ao ponto. E então há esse olhar para frente, olhar para frente. O que é? O que é? E finalmente chegamos no versículo 18.

Mas antes de chegarmos a isso, temos que olhar para isso. E há um sentimento de tristeza aqui, não é? Por causa disso, nossos corações estão doentes. Essa doença do coração é a dor que está sendo sentida.

E por causa disso, nossos olhos escureceram. Esta é uma expressão que nós mesmos, creio eu, não usamos. E o que temos que perceber é que no Antigo Testamento os olhos podem ser os órgãos da percepção psicológica.

E aqui, neste caso, pode referir-se a uma falta de compreensão. Estamos praticamente cegos. A palavra cego, tanto no Antigo como no Novo Testamento, é usada numa espécie de sentido espiritual de ter uma compreensão do ponto de vista de Deus sobre o que está acontecendo.

Mas não usamos essa expressão específica de nossos olhos estarem turvos. Temos uma metáfora oposta. Podemos falar de alguém com olhos brilhantes e cauda espessa.

E há alguém que está totalmente a par do que está acontecendo. E acho que inclui o fato de que se tem um entendimento completo. Na verdade, podemos lidar totalmente com o que está acontecendo.

Às vezes falamos de um colírio para os olhos doloridos e talvez os olhos doloridos sejam o equivalente a olhos turvos aqui. Tudo bem, então é nossa falha em entender o que está acontecendo. E esta falta de compreensão abre caminho para a expressão de reclamação.

Não entendemos o que está acontecendo. E então, por que no versículo 20? Isso expressa muito essa perplexidade já sugerida no final do versículo 17. Por causa do Monte Sião, que está desolado, chacais rondam sobre ele.

E assim, o que faz parte de uma área urbana agora é uma área rural. É apenas um deserto e é o refúgio de animais, animais selvagens, na verdade. Há alguma incerteza quanto ao significado preciso do Monte Sião.

Anteriormente, tivemos apenas Sião, que foi chamada de cidade no capítulo 1 e versículo 1. Quão solitária é a cidade que antes estava cheia de gente. E então poderia ser a cidade. Mas pode ser que seja diferenciado e haja outra opção exegetica.

Pode ser que seja o Monte do Templo, a colina onde ficava o templo. E talvez essa palavra montar diferencie. No Antigo Testamento, geralmente, algumas vezes, o

Monte Sião se refere à cidade de Jerusalém, mas muitas vezes mais, muito mais, o Monte Sião se refere ao templo, na verdade, à área do templo.

E então, não temos certeza de qual caminho seguir. É difícil decidir. Mas isso não afeta muito a exegese geral.

Se for a cidade, é a cidade incluindo o templo ou pode ser a própria área do templo. E temos que perceber se é a cidade, mas parte do problema é que a capital, aquela antiga capital de Judá e antes de todo Israel, não era mais a capital. A capital foi transferida para Mizpá, 13 quilômetros ao norte.

Essa foi a capital do Judá do pós-guerra. E então sim, quão solitária é a cidade, disse capítulo 1 e versículo 1. E então, ou é a cidade ou o templo da cidade. E é isso que está causando a angústia, porque o que está por aí é uma lembrança muito vívida do desastre sofrido.

Está desolado e desolado. Agora chegamos a algo, a um elemento que é importante para o conjunto das lamentações. É o adjetivo hebraico vergonha, que gosto de chamar de devastado, devastado.

Às vezes, é usado num sentido objetivo, e às vezes, é usado num sentido subjetivo dos nossos sentimentos, dos nossos sentimentos psicológicos. Esta é uma palavra na forma adjetiva vergonha ou, em um caso, como verbo, que percorre todo o livro, devastada. E poderíamos resumir a situação em termos de devastação.

E é uma palavra tão valiosa porque, como no hebraico, abrange tanto um fenômeno objetivo quanto a reação subjetiva, a devastação. E vou apenas examinar os exemplos. Não dissemos isso antes, e é mais conveniente colocá-lo em um único título e tratá-lo uma vez.

E assim, no final, é razoável tomar conhecimento disso. Aqui, é usado para o Monte Sião, e esta é obviamente a descrição objetiva: Chacais rondam ele. E então, isso é em grande parte o resultado do que aconteceu num sentido objetivo.

Mas nós tivemos isso no versículo quatro do capítulo um. Todas as suas portas estão desoladas. Os caminhos para Sião choram, e ninguém vem às festas.

Todas as suas portas estão desoladas. E há uma base objetiva aqui porque os portões foram destruídos e não estão funcionando para impedir a entrada do invasor que desabou. Mas junto com isso, há uma metáfora aqui.

As portas estão desoladas porque junto com as estradas para Sião há luto. E assim, há uma metáfora do sentido subjetivo que se sobrepõe ao sentido objetivo. E assim você consegue uma combinação deliciosa aí.

Então, em 1:13, temos três exemplos no capítulo um. Ele me deixou atordoado. Atordoado, é esta palavra shamim .

E aqui está a reação subjetiva. Isto é Sião falando. Estou atordoado, estou arrasado com tudo o que aconteceu.

E então dois no versículo 16, meus filhos estão desolados porque o inimigo prevaleceu. Mais uma vez, meus filhos, aquelas pessoas que ficaram em Judá e que se reuniam para esta liturgia, este serviço. Meus filhos, diz Sião, estão desolados.

E eles estão devastados. E mais uma vez, é um significado subjetivo. E então, no capítulo três, temos que esperar até o capítulo três e versículo 11, onde o mentor dá seu primeiro testemunho da crise, uma crise individual para a qual ele foi trazido.

Ele me tirou do caminho e me despedaçou como um urso ou um leão. Ele me deixou desolado, me deixou arrasado. E mais uma vez, é esse significado subjetivo para aquela palavra específica.

No capítulo quatro, no versículo cinco, não é o adjetivo, mas é um verbo associado a ele. Aqueles que se deleitavam com iguarias perecem nas ruas. Eles ficam devastados nas ruas.

Isso foi 4:5. E por último, 5:18. E há um paralelo interessante. Você se lembra de Tamar, a princesa Tamar, filha de Davi, como ela foi estuprada por seu meio-irmão Amnom? E o irmão pleno de Tamar era Absalão. E ele veio a... Quando ele ouviu falar disso, ele colocou Tamar sob sua proteção porque ele estava muito arrasado.

E é esta palavra no feminino, e ela teve um colapso nervoso que nunca superou. E Absalão, seu irmão, acolheu-a em sua casa e cuidou dela para sempre. E quando Absalão teve uma filha, que nome lhe deu? Tamar, sua querida irmã, tia Tamar.

E em homenagem a ela, a irmã que morava em sua casa. E aí estamos. Há uma ilustração concreta de devastação, esta mulher estuprada que nunca conseguiu superar isso.

E então, é uma palavra muito poderosa. E é esta palavra que vem pela última vez. O Monte Sião está devastado.

E então, é uma palavra-chave no livro. Tudo bem. E assim, temos esta circunstância chocante, a devastação do Monte Sião e dos animais que rondam lá.

E, claro, isto é uma grande fonte de tristeza porque atravessa séculos de história, teologia e normalidade espiritual, porque em oposição a isso temos a teologia de Sião. Tudo vai ficar bem. Tudo ficará bem para Sião.

E assim, cria uma crise em termos de expectativa e de crença quanto à posição de Deus em relação a Sião. E isso é uma coisa chocante por si só. Tudo isto faz parte desta situação que leva ao protesto e ao desafio quando chegamos ao versículo 20.

Mas antes de fazermos isso, no versículo 19, temos uma afirmação de fé. Mas tu, Senhor, reina para sempre. Seu trono permanece por todas as gerações.

E como digo, esta é uma afirmação de confiança, como geralmente encontramos na oração de lamento. Mas nesse subtipo, a oração de desafio, a oração de reclamação contra Deus, ela assume outro papel. Assume um papel persuasivo.

Isso, Deus, é o que esperamos que você seja. Por que você não está sendo isso? Reinando para sempre. Seu trono dura por todas as gerações.

E há um elemento muito persuasivo aqui. E isso é algo que pertence à teologia de Sião. Mas antes de olharmos para isso, vejamos esse elemento de reclamação em um salmo real.

O Salmo 89 é um salmo real que desafia a Deus. Não começa com uma afirmação de fé, mas com algo relacionado a ela: um hino, um grande hino sobre o poder de Deus.

Ele se entrelaça naquele hino do poder de Deus, na aliança que foi feita com Davi e nesta dinastia real eterna baseada na linhagem de Davi. E o orador real diz: ah, mas tudo deu em nada, não foi? Você fez essas grandes promessas. E temos este hino celebrando o seu poder.

Mas há um terrível mas no versículo 38. Mas agora você o rejeitou e o rejeitou. Você está cheio de ira contra o seu ungido.

Então por que você não é o que afirma ser? Por que você não é o que prometeu? Por que você não cumpriu sua promessa? E vemos nesse hino que há aquele protesto ali e aquele desafio ali. Na verdade, você está usando esse hino contra Deus. Como isso pode acontecer? E assim, explica o que Deus deveria estar fazendo e o que ele não deveria estar fazendo e diz, não, isso é errado, Deus.

E há o confronto com Deus da maneira como ele é tradicionalmente descrito em uma declaração de louvor. E então, este é um contexto útil para o que encontramos aqui no versículo 19 e como esta afirmação de fé vai levar a um sentimento de perplexidade sobre por que não foi provado que é verdade? E esse versículo 18 pertence à teologia de Sião. Por exemplo, no Salmo 42 e no versículo 48, melhor.

Salmo 48 e versículo 2. Há esta celebração do Monte Sião, a cidade do grande rei. A cidade do grande rei. E a realeza de Deus é celebrada como parte da teologia de Sião.

Fora dos cânticos específicos de Sião, encontramos muito presente esse elemento sionista. E o Salmo 9, por exemplo, descreve Deus entronizado em Sião. Aí estamos nós, realeza relacionada a Sião.

Essa é a NVI e agora é considerada preferível ao que a NRSV tem, que habita em Sião. Não, Yahweh está entronizado em Sião. E nos livros proféticos, às vezes há referências a Deus que eventualmente manifestará sua realeza em Sião no futuro.

Isaías 24, versículo 23. O Senhor dos Exércitos reinará no Monte Sião e em Jerusalém. Miquéias 4, versículo 7. O Senhor reinará no Monte Sião agora e para sempre.

A realeza de Deus está intimamente associada ao templo. Seis vezes no Antigo Testamento, a Arca da Aliança é descrita como o lugar onde Yahweh está entronizado sobre os querubins.

E o Salmo 99, no versículo 1, diz: O Senhor é rei, tremam as nações. Ele está entronizado sobre os querubins, deixa a terra tremer. E continua dizendo, o Senhor é grande em Sião.

E então, no Salmo 24, que pode muito bem ter se originado numa procissão da Arca, o Salmo é uma liturgia associada a uma procissão da Arca. Quatro vezes diz, nos versículos 7 ao 9, que é o Rei da Glória entrando, representado por aquela Arca da Aliança. E assim, é um tema muito dominante, esta questão da realeza divina.

E aqui, como digo, a afirmação da fé, em si, é um protesto. É um protesto implícito. E dizendo: Deus, você não está cumprindo essas promessas e nossas crenças teológicas gerais, que funcionaram em nossa teologia durante séculos.

O que aconteceu? Como pode isto ser verdade? E assim, tendo formulado esse desafio, esse desafio objetivo, eles podem agora, no versículo 19, trazer à tona a natureza do problema que isso não é coerente. Esperamos que a teologia de Sião esteja em operação. Você pode dizer, bem, já tivemos a teologia de Sião antes no livro, e parece que estamos entendendo o argumento de que é uma expectativa que não se tornou realidade agora, mas parte do sofrimento às vezes é tolerar essa situação e perceber que precisamos de um novo conjunto de expectativas.

Na verdade, o mentor forneceu isso no capítulo 3, remontando a Êxodo 34 e versículo 6, com seu contexto sinistro de adoração do bezerro de ouro. Quão sinistra

é essa história. Mas dizer que há um caminho de volta para Deus, há uma porta dos fundos para o perdão e a aceitação.

Na verdade, no capítulo 5, implicitamente, a congregação está assumindo o controle dessa situação, e o mentor disse que há necessidade de oração como o lado humano de você voltar e ser aceito por Deus, e a congregação aceita isso. Mas eles não disseram não. Eles não disseram um não permanente a essa velha expectativa.

E de certa forma, isso é o que se poderia esperar, porque se olharmos para a profecia exílica e para a profecia pós-exílica, descobrimos que há um retorno à teologia de Sião, e no que chamamos de Segundo Isaías, que parece remontar ao período de exílio na Babilônia, no contexto dos judeus lá no exílio, há uma promessa de futuro para Sião. E assim, é a pedra angular do pensamento do profeta. Você voltará para Jerusalém e tudo ficará bem novamente.

E assim, a teologia de Sião é muito valorizada. Além disso, no capítulo 62 de Isaías, que agora parece ser pós-exílico, todo o capítulo é realmente uma reafirmação da teologia de Sião. E assim, ambas as áreas proféticas estão dizendo que você pode manter a teologia de Sião como uma perspectiva para o futuro.

E Isaías 62 diz: por amor de Sião não ficarei calado, por amor de Jerusalém, não descansarei, até que a sua vindicação brilhe como a aurora, e a sua salvação como uma tocha acesa. E esse é apenas o primeiro versículo, mas todo o capítulo é dedicado a uma celebração de forma preditiva da teologia de Sião vindo à tona mais uma vez e se tornando realidade novamente. E assim, podemos dizer que a congregação está em boa companhia. Nós realmente esperamos que a teologia de Sião esteja em operação e esperamos que você eventualmente cumpra suas promessas.

E há esse retorno persuasivo à realeza de Deus no contexto da teologia de Sião e dizendo que certamente deveria estar em operação mais uma vez. Mas agora temos este protesto, este protesto explícito. Por que você nos esqueceu completamente? Por que você nos abandonou por tantos dias? E aqui essa palavra lembrar, essa palavra esquecida, é o oposto dessa palavra lembrar.

Lembre-se, no versículo anterior, a intenção era ignorar. E aqui novamente, não nos ignore, mas é isso que você tem feito. Por que você nos esqueceu completamente? Por que não nos lembramos mais, não nos temos em mente e não desenvolvemos essas grandes tradições em nossas vidas? E assim temos isto: a oração assume aqui a forma explícita de desafio.

E então o outro verbo, o outro verbo negativo, por que você nos abandonou esses dias? A ausência da presença de Deus na bênção e na salvação. E ao longo de todo o livro, aqui e ali em partes importantes do livro, tivemos uma ênfase na presença

negativa de Deus, Deus ali punindo. Houve um lugar em 3:56 onde o mentor ficou preocupado quando disse: Deus, você ouviu meu apelo; você se aproximou quando eu te chamei; você disse não tenha medo.

Mas esse é o único lugar onde temos uma presença positiva. Mas há isto, há esta esperança para esta presença positiva de Deus e eles não conseguem compreender porque é que não é assim. O Salmo 22 é uma oração de protesto e desafio e começa dessa forma contundente.

Meu Deus, meu Deus, por que você me abandonou? Meu Deus, isso explica o relacionamento, e a expectativa desse relacionamento é que deveria haver aquele vínculo estreito de bênção e salvação, mas contra isso. Meu Deus, meu Deus, mas por que você me abandonou? Não dá certo, deliberadamente não dá certo, que meu Deus aja dessa maneira. E assim, estas são petições implícitas para que Deus faça o contrário.

É hora de Deus se revelar como aquele que é o Deus de Israel e estar ao lado de Israel e mostrar seu poder real. O que precisamos ver, poderíamos dizer, é que a congregação está sendo ousada demais aqui. Como ousam falar disso, falar assim em oração.

Mas o que temos de perceber é que isto se baseia implicitamente no capítulo 3 de várias maneiras. O Capítulo 3 justifica os apelos e desafios da congregação no Capítulo 5 de três maneiras. Primeiro de tudo, o capítulo 3 está explicado, o mentor explicou o plano de Deus em duas partes.

Primeiro, o Senhor teve que punir e depois iria dizer primeiro o mal e depois o bom. E então, este é o apelo implícito que você pode dizer para que o bem aconteça. E então, em segundo lugar, o capítulo 3 apontou para a permanência do amor actual de Deus, o amor inabalável de Deus.

E assim, subjacente a este desafio no processo está o que o mentor lhes garantiu. Isso os faz olhar para o futuro com a expectativa de que Deus agirá de forma diferente e não agirá mais dessa forma negativa. Então, em terceiro lugar, falou-se dessa abordagem secreta para a aceitação de Deus mais uma vez depois de confessar o pecado.

Eles já confessaram seus pecados duas vezes neste último poema. E agora era hora de ser aceito mais uma vez. E assim, versículo 21, Restaura-nos a ti mesmo, ó Senhor, para que sejamos restaurados.

Renove nossos dias como antigamente. Há algo um pouco hesitante aqui no início do versículo 21. Sim, a confissão e o arrependimento são necessários.

Sim, esta congregação humana tem que desenvolver o lado humano da confissão e do arrependimento. Mas isso não levará a congregação até o fim, mas apenas parte do caminho. Deus precisa responder restaurando.

Queremos ser restaurados, mas isso só poderá acontecer se Deus nos restaurar. E isso me lembra, eu disse que voltaria a isso. No capítulo 3 e no versículo 29 no final, ainda pode haver esperança.

Ainda pode haver esperança. E havia esse elemento de contingência ali. E havia essa hesitação ali.

Vimos que uma das razões para isso era teológica. Depende de Deus como ele reage. Podemos apresentar fortes argumentos teológicos, mas não podemos forçar Deus a fazer algo, a fazer o que queremos.

Não a nossa vontade, mas a sua vontade seja feita. Mas, por favor, restaure-nos. Pedimos que você faça isso, por favor.

Mas há dependência de Deus aqui. Deus tem que reagir a estas ações humanas, que são boas em si mesmas. A confissão e o arrependimento dependem da soberania de Deus.

Ele pode fazer isso ou não pode fazer isso. Mas por favor faça isso. É como um advogado em um tribunal que apresentará os argumentos mais fortes possíveis em nome de seu cliente.

Mas o juiz e o júri podem decidir de outra forma. E então, cabe a eles. Depende deles.

O advogado tem que fazer o melhor que puder, mas, em última análise, cabe ao juiz e ao júri devolver o veredicto que consideram correto. Então, restaure-nos para si mesmo, ó Deus, para que possamos ser restaurados. Não é uma coisa automática.

Eu disse antes, Deus não é uma máquina de pensamento, mas Deus, o que você quer? O que você quer? Você vai responder? E assim, há submissão a Deus neste ponto e um reconhecimento da soberania de Deus. E então diz finalmente, renove nossos dias como antigamente. Eles querem uma restauração espiritual.

Sim, eles fazem. Mas eles querem palavras existenciais, objetivas, políticas e todos os tipos de palavras que alguém possa usar. Uma restauração externa também.

E é isso que eles querem. Por favor, traga as coisas de volta ao normal. Renove nossos dias como antigamente.

E fico um pouco mais cauteloso com essa oração. É o tipo de oração que todos os que sofrem gostariam de fazer, o que esperam. Leve-me de volta à normalidade novamente.

Mas geralmente, essa velha normalidade desaparece em alguns aspectos, dependendo de qual é o luto, em pequena ou grande escala. E haverá um novo normal, e o velho normal já passou. Mas os enlutados pensam automaticamente que quero que os bons e velhos tempos voltem.

Mas eles não voltarão necessariamente. Mas esse é um pequeno elemento que a congregação eventualmente terá que aprender. E então, finalmente, proteste novamente.

A menos que você nos rejeite totalmente e esteja com raiva de nós além da conta. E eles acabam com esse desafio a Deus. E procuramos paralelos para isso nos Salmos de Lamento que são desafios a Deus no Livro dos Salmos.

E descobrimos que isso ocorre em todos os lugares. E às vezes é na forma de uma pergunta. Penso no Salmo 74 e no versículo 1. Isso ocorre em conexão com esta pergunta : por quê? Por que você nos rejeita para sempre? Por que você nos rejeita para sempre? E isso é considerado um fato.

E há esse protesto e desafio contra isso. Por que você nos rejeitou para sempre? Oh Deus. Às vezes, não é na forma de uma pergunta.

Está na forma de um imperativo, e encontramos isso no Salmo 44 e no versículo 23.

Acho que entendi a referência errada nesse ponto. Mas o texto na verdade diz não nos rejeite para sempre. Não nos rejeite para sempre.

Lá, eu acho, em algum lugar do Salmo 44. Então, isso pode acontecer como um imperativo. Mas também pode ocorrer como uma declaração.

E parece que é uma afirmação aqui no versículo 22 de Lamentações 5. E aqui voltamos ao Salmo 89, aquele salmo real de reclamação. E no versículo 38. Mas agora você o rejeitou e o rejeitou, atual rei davídico.

Você está cheio de ira contra o seu ungido. Você o rejeitou. E é esta afirmação que é o paralelo, o paralelo mais exato para este duplo desafio aqui.

E este é o desafio final neste salmo em particular. E é uma motivação para Deus se irritar, responder e mudar seus propósitos negativos para positivos internos. E dizer, não, eu não te rejeitei.

Eu não te rejeitei totalmente. Não, não ficarei bravo com você permanentemente. E há um paralelo fascinante que revela isso em Isaías capítulo 49 e versículos 14 e 15.

Sião disse que o Senhor me abandonou. Lá estamos nós, fora de um salmo desafiador de reclamação. Nós temos isso no contexto profético.

Sião disse que o Senhor me abandonou. Meu Deus se esqueceu de mim. E Deus responde.

Pode uma mulher esquecer o filho que amamenta ou não demonstrar compaixão pelo filho do seu ventre? Mesmo que eu possa esquecer isso, não esquecerei de você. E assim, o desafio está trazido. A declaração de Sião, o Senhor me abandonou.

Meu Deus se esqueceu de mim. E Deus diz: não, não tenho. Não, não tenho.

E, claro, esta é a força do desafio em todos os salmos de reclamação e aqui em Isaías 49. Sim, na verdade é 49, não é? 49, 14 e 15. E Deus diz, não, não é assim.

E isso me lembra que poderíamos pensar num paralelo numa situação humana. Um casal que não se dá muito bem. E um dos cônjuges desconfia do outro.

Parece haver alguma indicação de que ele ou ela está interessado em outra pessoa ou é tão dedicado ao seu trabalho, ao seu trabalho, que o outro cônjuge está sendo ignorado. E pode haver uma explosão. Você não me ama mais.

Você não me ama mais – essa afirmação negativa. E pode haver alguma evidência objetiva na mente do cônjuge.

Mas há mais do que isso, porque a expectativa é que o outro cônjuge se vire e diga: ah, sim. Claro que eu te amo. Você deve perceber que nunca deixei de te amar.

E este é o contexto explícito em Isaías 49. E este é o contexto implícito esperado aqui no final de Lamentações 5. A menos que você nos tenha rejeitado totalmente e esteja irado conosco além da medida, a esperança é que eventualmente virá um resposta, uma resposta à oração e uma resposta a Deus que diz: ah, não, não tenho. E realmente, no cânon do Antigo Testamento, como dissemos no início, fazendo uso da intertextualidade, no Segundo Isaías, temos um texto profético que remete deliberadamente à negatividade de Lamentações e transforma a linguagem em afirmações positivas em nome de os exilados, que há um futuro para eles.

Eles vão voltar para casa. E então, é aqui que estamos. O que parece tão negativo tem realmente uma intenção positiva.

Poderíamos traçar um paralelo com a situação a que me referi anteriormente, quando falávamos de forma introdutória sobre Salmos de Queixa. Fiz uma referência a Marcos 4, versículo 38, onde os discípulos dizem você não se importa? Estamos nos afogando. Você não se importa que estejamos nos afogando? E Jesus estava dormindo.

Era como se ele não se importasse menos. Mas, de fato, o que aconteceu? Jesus acordou e parou a tempestade. E ele estava virtualmente dizendo, claro, eu me importo.

Eu não vou deixar você se afogar . E houve esse evento objetivo que aconteceu em que Jesus parou a tempestade. Mas foi o equivalente a uma afirmação de amor e apoio aos seus discípulos.

E assim, e então há mais um fato aqui. Eu disse anteriormente que a oração da congregação depende do capítulo 3. O mentor abriu o caminho. E especificamente, o mentor abriu o caminho nesta questão de rejeição porque o que ele disse no capítulo 3 e versículo 31? O Senhor não rejeitará para sempre.

Ele rejeitou você agora. Mas o Senhor não irá rejeitá-lo para sempre. E esta é a base para este desafio.

A menos que você tenha nos rejeitado totalmente, eles têm o mentor por trás deles com sua afirmação. Não Isso não é verdade.

Mas parece que sim. Parece muito com isso. E eles trazem esse desafio a Deus.

Bem, agora vamos, para encerrar, pensar nas reclamações, protestos e desafios trazidos a Deus de uma forma mais geral. Nós abordamos isso no capítulo 3 e no versículo 39. E estávamos dizendo ali aquele versículo que diz: por que alguém que respira deveria reclamar do castigo de seus pecados? Vocês são sobreviventes.

Vocês são sobreviventes. Você não morreu. Já existe uma sugestão de algum cliente em potencial para você.

Deus pode muito bem ter coisas boas para você em suas vidas futuras. Então, por que alguém que respira deveria reclamar do castigo de seus pecados? Há algo além da punição. Mas essa palavra reclamar nós fixamos.

O único outro caso no Antigo Testamento foi em Números, capítulo 11, versículo 1. E ali havia uma reivindicação ilegítima. E isso trouxe punição de Deus, na verdade. E comparamos isso com outros exemplos em Êxodo e em Números onde houve reclamações legítimas.

Não temos comida. Não temos água. Ok, eu vou te fornecer isso.

E esses são bastante racionais. Então, há reclamações de que Jesus, que Deus aceita, e há reclamações de que Deus não aceita. E aqui está este é um tipo aceitável de reclamação.

Faz parte do Antigo Testamento. E temos esse exemplo em Marcos 4.38. Também acho que mencionei alguns outros exemplos quando examinamos isso de forma introdutória. Mas é algo que o Cristianismo abandonou, eu acho.

E parece desrespeitoso. Oh não. Você não fala com Deus assim.

E pense em um pastor fazendo esse tipo de oração. Oh não. Isso é tão desrespeitoso.

Ah, não, Deus não gosta desse tipo de oração. E é bastante interessante. Vimos o relato de Mark sobre aquela tempestade no mar.

Você não se importa que morramos? Mateus e Lucas também têm a mesma narrativa, mas a suavizam. A reclamação desapareceu em Mateus e Lucas. O protesto acabou.

E isso quase parece uma antecipação do que aconteceu no Cristianismo em geral. O Judaísmo aceitou uma queixa e utilizou-a especialmente em tempos de perseguição. E ocorre reclamação, protesto a Deus ocorre em textos e orações rabínicos.

As reclamações são incorporadas. Há um exemplo interessante em Fiddler on the Roof. Aquela história judaica de perseguição.

Sem dúvida, muitos de nós já vimos a peça ou o filme. E aquele pobre leiteiro, seu cavalo fica manco e não consegue puxar a carroça de leite. E o leiteiro tem que ficar entre os poços e puxar ele mesmo o carrinho para entregar o leite aos seus clientes.

E ele diz que a reclamação está aqui. Muito mais uma forma judaica de reclamação. Hoje sou um cavalo.

Querido Senhor, você teve que fazer meu pobre cavalo perder a ferradura pouco antes do sábado? Isso não foi legal. É o suficiente que você me pegue. Abençoe-me com cinco filhas.

Uma vida de pobreza. O que você tem contra meu cavalo? Às vezes penso que quando as coisas estão muito calmas lá em cima, você diz para si mesmo, vamos ver que tipo de travessura posso pregar no meu amigo. E embora isso seja apresentado de forma humorística, é um desafio a Deus.

E mais tarde no roteiro, ele diz, meu Deus, você tinha que me mandar notícias como essa? Más notícias. Hoje de todos os dias. É verdade que somos o povo escolhido, mas de vez em quando você não pode escolher outra pessoa? E aí estamos nós.

Existe esse desafio. Embora haja humor aí, ainda faz parte do Judaísmo. Acho que é uma reação à perseguição.

E talvez o cristianismo tenha desistido de reclamar com Deus porque não sofreu perseguições suficientes. Tem sido a religião dominante em suas próprias áreas e tem prevalecido sobre outras. E nosso trabalho é evangelizar.

Nós somos o chefe. Devemos evangelizar aqueles que não concordam conosco. E isso pode não ser útil.

Às vezes, a perseguição pode ajudar a igreja a avançar. E certamente, o Novo Testamento tinha esse ponto de vista de que havia benefícios na perseguição. E foi para o Judaísmo.

É verdade no Antigo Testamento, e encontramos alguns exemplos no Novo Testamento. Então, vamos levar isso a sério. Da próxima vez, deveríamos olhar para Lamentações de uma perspectiva cristã.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 14, Lamentações 5:17-22.